

O CORPO EXPROPRIADO — UMA AMEAÇA PARA A PAZ

* Mestre em Bíblia pela
UMESP, pastora luterana.

** Doutor em Bíblia pela
UMESP, pastor luterano.

Haidi Jarschel*
Flávio Schmidt**

Resumo:

Os autores buscam compreender a situação social, religiosa e política que é o âmbito do surgimento dos poemas que se agrupa na forma dos Cânticos ou Cantares. Graças a esta compreensão revelam a força crítica desta poesia e o lugar especial ocupado pelo amor nas relações humanas. Através de um de seus poemas, exemplificam o tema subjacente a todo o livro: a relação íntima entre o amor e a liberdade e a relação do mesmo com a chama de Javé.

Palavras-chave: Cântico dos Canticos; Corpo: Bíblia; Amor

Abstract:

Alongside with the great lines of the political, social e religious ideological history of the realm where a kind of poetry like the Song of the Songs has grown up, Jarschel and Schmidt try to explain the meaning of such a poems. With this key they find the critical power of this poetry and the very special place for love, mainly in the human love relations. Using a part of the Song of the Songs they present an exemple of the subject of this poem: the deep relationship between love and freedom; between love and the Iahweh flame.

Key-words: Song of Songs; Body: Bible; Love

Vivemos sob o risco cotidiano da perda do sentimento da GRATUIDADE, da RELACIONALIDADE desprovida de competição, do EROS (em sua compreensão mais ampla), dos SENTI-

DOS do corpo, da ENTREGA sem medo. Somos marcadas/os cada dia mais por uma economia do desejo que está intrincada com a economia da produção. Parece que isto é tão velho e conhecido quanto o é o patriarcado. Esta mesma análise e compreensão já encontramos nos poemas do Cântico dos Cânticos, onde a amante Shulamita afirma a partir de sua experiência de ter seu corpo expropriado pelos irmãos e pelo dono da vinha: *a minha vinha é minha* (vinha = sexualidade). A ameaça a esta mulher/corpo e à sua autonomia sobre os sentidos de sua paixão caracteriza-se como falta de paz!

Um paradoxo. Uma grande sinfonia de amor com uma personagem camponesa e negra, a Shulamita. Nome de paz. Shalom, shulamita. Entre desertos e jardins... Querendo encontrar o seu amante, querendo ser amante... do surrado pastor de ovelhas e cabras. *Quem é esta que sobe do deserto encostada em seu amante?* (Ct 8,5). Ela pode nos ajudar a encontrar caminhos de paz.

Quem é esta? (Ct 6,10; 8,5). Esta tem nome de paz e se movimenta no paradoxo do amor e da morte. Podemos entender, então, metaforicamente, que a paz se movimenta por dentro deste paradoxo? O movimento entre o deserto e o jardim onde se plenifica o amor, o paraíso perdido. A fala da paz e do amor se conjugam nesta poesia entre encontros e desencontros.

QUE SÃO ESTAS E ESTES QUE OUSAM VIVER E DIZER ISTO?

Poesias de amor, falas eróticas... Palavras tão particulares reservadas por algumas culturas e religiões a lugares particulares também. Particulares e proibidos! Na cultura ocidental, durante a era moderna o tema do corpo e da sexualidade pertencia à fala dos cléricos, médicos e policiais. Na Idade Média, a fala erótica tornou-se sinônimo de heresia; muitos cantos e poesias de amor foram compostos como forma de contestação à religião cristã, à Igreja. Temos aí o movimento dos *trovadores ou cantores do amor* do século XII. Um exemplo bem conhecido é a ópera *Carmina Burana*. Lindíssima! Contestação erótica. Precisamos da soltura desses Cânticos para refrescar nossos corpos e nossas relações. Que bom que eles existem. Que bom que existem poemas de Vinícius de Moraes, de Pablo Neruda, de Audre Lorde, de Gioconda Belli... O amor é *verdadeira labareda de Javé* (Ct 8,6).

Não há paz enquanto não pudermos usufruir da beleza dos jardins, das macieiras, na liberdade dos sentidos da paixão. Sem expropriações, sem culpas, sem compras e vendas de corpos.

As histórias de interdições seladas em nosso corpo são de longa data. Somos marcados pelo selo da desapropriação no eu/corpo. Entre tantas tentativas na tradição ocidental, também se quis apagar um livro da Bíblia com estas características populares do canto de amor e da fala do corpo. Só tem olhos para ver, mãos para tocar, desejo de ouvir os sussuros do corpo apaixonado, estes e estas que se sentem corpo desejan-te de paixão, de afeto, de corpo em relação. O ponto de partida da interpretação é o próprio corpo de cada uma/um de nós e das/os que estão em volta de nós.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA SINFONIA DE AMOR

É bem possível que este tenha sido um dos livros mais polêmicos na hora da fixação do Cânon. Até o ano 90, os rabinos ainda discutiam se este livro deveria constar ou não no livro que trata das coisas sagradas. Na tradição cristã só permaneceu sagrado o corpo relacionado ao sacrifício, estéril, imaculado, branco e masculino. Até o corpo do Cristo ficou limitado ao sacrificial, destituindo-o de todo *ágape* encontrado nas pegadas de sua missão e na própria cruz. A relação entre a paixão dos amantes no *Cântico* e a paixão do Cristo crucificado foi descaracterizada pelos brancos mantos estéreis da interpretação desprovida de paixão humana. A interpretação deserotizada da Bíblia desviou as pessoas de Deus história/corpo.

Para compreender melhor o papel desta literatura no livro sagrado, proponho uma entrada hermenêutica pela interdição, transgressão/resistência, dos corpos que amam e sentem, no texto e em nós. *Talvez o melhor caminho seja o de perguntar pelos corpos concretos que viveram estas memórias, perguntar pelos corpos que colecionaram, repetiram e editaram estes poemas e, a partir de seus corpos, perceber as motivações que sustentam os Cânticos.*¹ Cântico dos Cânticos é a linguagem do corpo, do erótico, da relação. Da resistência histórica encontrada por uma parcela de gente arrancada de possibilidades de poderes estruturais. O imaginário nesta literatura tem como eixo a experiência erótica do corpo de muita gente ao longo de muito tempo. São cantigas conhecidas desde o Antigo Egito. Memória popular de amores que virou poema. O corpo em relação é a centralidade da poesia:

corpo
institucionalização sentir/existir
projeto sacerdotal cotidiano camponês
regulamentação liberdade

¹ Parte deste texto é pesquisa e produção de seminário realizado com Milton Schwantes, na UESP, São Bernardo do Campo. Cf. N. CARDOSO PEREIRA, Ah... Amor em delícias! Em *RIBLA*, 15 (1993), p. 50.

ENTRE DESERTO, VINHAS E JARDINS: A POESIA NO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O texto nos dá alguns indicativos sobre a vida das pessoas que pensaram esta literatura. A amante é negra, queimada pelo sol no trabalho das vinhas, vendida pelos irmãos (1,5-6). O amante apascenta ovelhas no campo (1,7). As cidades são ameaçadoras para os amantes (5,7), onde há guardas que espancam. E as vinhas, lugar de meeiros, escravos, guardas, lugar de tributação (8,11-12). A memória do Cântico dos Cânticos mostra a vida ameaçada das pessoas e o jeito de resistir.

A situação histórica, o lugar e o grupo social que produziu esta literatura nos ajudarão a compreender melhor estes poemas de amor. A literatura dos Cânticos é produzida com muita probabilidade em torno de 400 a.C., ao lado de outra literatura sapiencial, no contexto do período pós-exílico.² Este é um período marcado pelo Império Persa (539-333 a.C.). Os persas concederam liberdade cultural e religiosa aos povos por eles submetidos. Acaba o exílio babilônico do povo israelita. Os que se encontravam na Babilônia podiam voltar para Judá (Palestina). Os persas incentivaram os povos submissos a se arraigarem em suas tradições. O projeto de reconstrução do templo de Jerusalém é apoiado por eles. Há grandes controvérsias entre os projetos dos judaítas que ficaram e os dos que voltaram do exílio. Os que ficaram eram em grande parte camponeses e se estruturaram em torno do projeto da terra. No entanto, as lideranças israelitas que voltaram do exílio tinham como centralidade de seu projeto a reconstrução do Templo. A liderança nacional imposta pelos persas tem a incumbência de reestruturar toda a vida social e política em torno da LEI e do TEMPLO, regulando assim a vida do povo. Esta foi a tarefa especialmente de Esdras (7,12-26) e Neemias (1,1-7; 5; 11,1ss; 13), vindos de fora e merecendo a confiança do rei da Pérsia.

Neste projeto sacerdotal do segundo templo, de Esdras e Neemias, a preocupação com a institucionalização das relações sociais era determinada especialmente a partir do corpo. O corpo passa a ser o lugar do pecado, da maldição, da impureza (especialmente o corpo da mulher). Surge aí a redação de Levítico 1-7; 11-15.

A lei, que antes do período de exílio tinha outra forma de regular a política e a economia, agora, passa pelo controle do corpo. Puro ou impuro! O sistema de pureza e impureza manifesto nos corpos estava relacionado com outra forma de controle social, outro modo de produção, outro critério para distribuir privilégios e poderes. Os considerados impuros eram fa-

² Cf. E. SELLIN - G. FOHRER. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1983, 2 vols.; W. SCHMIDT. *Introducción al Antiguo Testamento*. Salamanca, Sígueme, 1983.

cilmente excluídos dos espaços sociais e relegados à escravidão. Especialmente as mulheres são punidas pelo seu sangue menstrual, considerado impuro.

E é no meio desta regulamentação do corpo pela *casa* (estruturas de parentesco), pelo Templo (ideologia sacerdotal) e pelo Estado (exploração da força de trabalho e reprodutiva), que temos a ousadia de algumas mulheres e homens fazedo-se críticos e resistentes. Convidando para o prazer, de dia e de noite... *É nesta estranheza que reside a importância do texto dos Cânticos que se reveste de maior força literária e política. Poemas de amor e sedução que afirmam o corpo como fonte de prazer e espaço de criatividade, são também panfletos contra a política estreita e opressora das lideranças sacerdotais.*³

³ Cf. N. CARDOSO PEREIRA, Ah... Amor em delícias, op. cit., p. 52.

O livro dos Cânticos encontra-se entre os demais livros de sabedoria e as orações dos Salmos. É o livro que fecha o bloco da sabedoria e das orações e abre para a profecia de Isaías. Está entre a sabedoria e a profecia. Aponta para um horizonte utópico, para a denúncia; conta em palavras de amor um jeito de resistência ao imperialismo persa e ao projeto sacerdotal do templo. *A alternativa do Cântico está não somente no conteúdo, mas na forma. Fugindo do esquema legalista-legislativo, o texto reúne poemas de amor, poemas eróticos que não precisam de explicação ou explicitação de sentido. Sendo assim, nega o discurso legalista sem justapor outro discurso. Propõe outra linguagem, a fala do corpo. A quebra do parâmetro teológico e literário aproxima o Cântico de outros textos do período pós-exílico que procuram na libertação da forma do discurso teológico a libertação da teologia.*⁴

⁴ Idem, p. 52.

Estas poesias são uma colcha de retalhos de cantigas populares de diversos povos e difundidas na Palestina em tempos de dispersão e escravidão de tanta gente. Em algum momento da história israelita, foram transformadas em literatura organizada em versos, motivadas provavelmente pela repressão do projeto sacerdotal sobre o corpo e as relações entre as pessoas. A simbologia aponta para uma realidade do campo, onde, debaixo da macieira, acontece o amor, a criação e a vida.

Há subdivisões entre as partes, somando ao todo cinco poemas. *O argumento principal para esta subdivisão se encontra nas repetições em: 1,5; 2,7; 3,5; 5,8; 8,4 (com a expressão Conjurou-vos, ó filhas de Jerusalém)*⁵:

- 1,2 – 4 pequena introdução
- 1,5 – 2,7 amor/eros (primeiro poema)
- 2,8 – 3,5 raposas/ameaças (segundo poema)
- 3,6 – 5,8 encontros/desencontros (terceiro poema)
- 5,9 – 8,4 encanto entre amantes (quarto poema)
- 8,5-14 (quinto poema — chave de leitura)

⁵ Cf. M. SCHWANTES, *Debaixo da macieira... cantares à luz de Ct 8,5-14*. Em ESTUDOS BÍBLICOS, (1993), 40, p. 41; P. TRIBLE. A lírica do amor redimido. Em *Cânticos dos Cânticos*. São Paulo, Paulinas, 2000, p. 123.

EU SOU AQUELA, AOS SEUS OLHOS, COMO PRINCÍPIO DE PAZ...

Análise de Cânticos 8, 5-14

O quinto poema se apresenta em duas partes. Na primeira (v. 5-12), é tematizado o Amor e sua relação com as estruturas sociais e econômicas. Na segunda parte (v. 13-14), é retomada a busca pelo amado. Vejamos o quadro abaixo:

v. 5 – 12 amor

v. 8 – 10 amor, liberdade e paz

v. 11 – 12 preço do amor

v. 13 – 14 limites do amor

A delimitação deste poema acontece em 8, 4 com o refrão *filhas de Jerusalém*. No v. 14 o poema termina, mas o caminho para o amor que não tem fim permanece aberto, pronto para o recomeço.

Internamente, a unidade do poema é marcada pelo tema *deserto*, que serve de moldura. No v. 5 o deserto é mencionado. No v. 14 o poema fala dos animais que vivem no deserto. A presença do amado nesses versículos (5,14) também auxilia na delimitação dos contornos do texto. No centro do poema está a tese do poder ilimitado do amor.

Amor e conflito (v. 5-12)

Esta parte do poema inicia com a tese sobre o amor (v. 5-7). Segue a descrição do conflito entre os irmãos e a irmã (v. 8-10). A seguir, o poema apresenta o relato de um caso específico que envolve a vinha de Salomão.

O Amor (v. 5-7)

⁵ *Quem é esta que sobe do deserto,*

e vem encostada ao seu amado?

Debaixo da macieira te despertei:

ali esteve tua mãe com dores;

ali esteve com dores aquela que te deu à luz.

⁶ *Põe-me como selo sobre o teu coração,*

como selo sobre o teu braço.

Pois, o amor é forte como a morte;

a paixão é resistente como o Xeol;

a sua chama é chama de fogo,

verdadeira labareda de Javé.

⁷ *As muitas águas não podem apagar o amor,*

nem os rios afogá-lo.

Se alguém oferecesse todos os seus bens de sua casa pelo amor,

seria de todo desprezado.⁶

⁶ *Bíblia Sagrada*, tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada, 2ª edição. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

O v. 5 inicia com uma pergunta freqüente no poema (3,6; 3,10): *quem é?* A imagem *subir do deserto* deixa margem a muitas interpretações. Poderia se referir à entrada das tribos em Canaã. Também não está excluída a possibilidade de que nesta expressão haja alguma referência ao retorno do exílio. De qualquer forma, o versículo nos apresenta o amado e a amada lado a lado. O verbo empregado para expressar o mútuo *estar encostado* aparece unicamente nesta passagem em todo o Antigo Testamento.⁷

⁷ Cf. JENNI, E. – WESTERMANN, C., *Diccionario Teológico Manual del AT*. Madrid, Cristianidad, 1985, 2 vols.

O livro de Cânticos reserva um lugar especial para o *deserto* (3,6), as muitas árvores frutíferas e as flores. O deserto é o espaço da fuga. É o horizonte de refúgio onde os amantes podem se encontrar.

Sobre o encontro fala a segunda parte do versículo. Nela é apresentada a macieira. É o contrapeso do deserto. Enquanto o deserto é o horizonte da fuga, a macieira delinea o horizonte do encontro. A macieira é o espaço do relacionamento íntimo permitido socialmente. À sombra da macieira é despertado o desejo humano. Neste universo de produção de frutos, a macieira é apresentada como o espaço do amor, da reprodução. Árvore, mãe e filha estão no mesmo horizonte simbólico. A macieira é a árvore simbólica que testemunha o nascimento da Shulamita para o amor. Em geral, a macieira recebe uma conotação erótica e mitológica (2,3). Na mitologia o nascimento divino tem a ver com alguma árvore cúltica, sagrada (Apolo, Artemis, nasceram debaixo de uma palmeira). A macieira, enquanto árvore sagrada, é o lugar do amor e da procriação. O divino do amor está vinculado ao sagrado.⁸

⁸ WINTER, U. *Frau und Göttin*. Goettingen/Freiburg Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

O v. 6 inicia descrevendo a profundidade do amor através dos símbolos da propriedade. Aqui o tema *amor* é refletido, pensado. Este versículo descreve como o amor é entendido. Para descrever o mistério do amor é usada a simbologia do selo/carimbo (Jr 22,4).

O selo, usado como anel, é um símbolo próprio do homem, carimbo de propriedade. Pelo selo a pessoa é identificada. Ele denuncia sua pertença (o selo era empregado para fechar os segredos, pactos e escrituras. Uma garantia contra furto e falsificação). Ao carimbar o coração da amante, amado e amada identificam seus desejos, afinam suas intenções. O selo no braço simboliza a sintonia da ação, do trabalho, do projeto construído em conjunto pela força e carícia das mãos.

A tese central desta unidade do poema é destacar a força do amor. O amor é indestrutível. Ele é mais forte que a morte. Esta tese geral é explicada com os exemplos do poder do fogo e da água. A energia do amor é uma energia de fogo. Sua resistência suporta, resiste às águas e à sua força. Amor, paixão e

fogo/chama estão no mesmo nível simbólico. São os sinais da vida. Morte, sepultura e águas são os sinais de morte. Para a morte não há defesa humana. Somente o amor é mais forte que a morte. Nos lugares aonde nem mesmo Deus tem acesso, somente o amor escapa. Até mesmo o fogo, com um pouco de água, se apaga. Porém, o fogo do amor vence todas as águas. Todo o poder da Terra não vence o amor, nem mesmo as estruturas sociais e econômicas.

Enquanto no v. 6 temos a apresentação de um princípio geral, no v. 7 é mostrado um exemplo concreto. As águas, esta força caótica, não pode destruir o que está selado. Nem mesmo os poderes da natureza têm força suficiente para destruir o amor. A água, este princípio da morte, símbolo da anti-vida, da destruição da vida, do poder demoníaco (v. 7), é contrastada ao fogo, princípio da ordem, força criativa e purificadora (v. 6).

Assim como o caos não pode destruir o Amor, tampouco as *propriedades* poderão fazê-lo. Mesmo que alguém ousasse dar tudo o que tem pelo Amor, não lograria conquistá-lo. Apenas seria tido como imprudente, insensato. O amor não pode ser comprado. Ele é um dom, é uma força por si própria.

Os vs. 5-7 nos apresentam os amantes juntos pelo amor. Ele e ela sobem do deserto abraçados/encostados. No lugar da fuga eles se encontram. Agora são parceiros de caminhada, parceiros do amor. Ela não está mais sozinha como antes (3,6), mas acompanhada de seu amado. Ele não a busca mais, pois já está a seu lado, em seus abraços. Na macieira é selado o encontro. O Amor é selado no altar da vida, da produção, dos frutos. Nada mais poderá destruí-lo, nem mesmo a morte, e muito menos limitações sociais e econômicas.

O corpo vendido (v. 8-10): *ameaça para a paz*

⁸ *Temos uma irmãzinha
que ainda não tem seios.*

*Que faremos por nossa irmã
no dia em que ela for pedida em casamento?*

⁹ *Se ela for um muro,
edificaremos sobre ela uma
torre de prata;
e se ela for uma porta,
cercá-la-emos com tábuas de cedro.*

¹⁰ *Eu sou um muro,
e os meus seios são como as suas torres;
ao seus olhos, porém, sou aquela que faz paz.*

A liberdade ilimitada do amor encontra sua primeira resistência: a estrutura social. Ao colocar os bens e a mercantilização do corpo da irmã, está posta uma ameaça para o amor (v.

7); o poema já encaminha a intenção dos irmãos (v. 8-10) e o exemplo concreto da vinha de Salomão (v. 11-12).

O v. 8 inicia com uma descrição crítica das relações da casa. Os planos dos irmãos entram em conflito com a dinâmica do amor, ou seja, com a paz (*shalom* v. 10). Ao estabelecer o valor da negociação da irmã para o dia em que esta for pedida em casamento (relação de propriedade), os irmãos concentram sua atenção na força de trabalho (*muralha*) e na reprodução feminina (*porta*). Como muro, a irmãzinha é enaltecida pela força, pelo vigor físico. Enquanto *porta*, tem a sexualidade controlada, cercada.

Os vs. 8-9 refletem o mundo patriarcal, preocupado em proteger e *defender* a mulher. Porém, sob este manto ideológico, a mulher se torna objeto de compra e venda entre homens. Para a mulher, o zelo pela proteção e defesa se transforma em prisão, em negação do Amor.

No v. 10 a irmã (*Shulamita*) toma a palavra. Ela se define como suficientemente madura para decidir acerca de si mesma. Ela é muro e seus seios como torres. Ela não precisa de defesa. Ela mesma se defende e se protege. Sua defesa é a liberdade. Esta liberdade se expressa no amor ao amante. Ela sabe a quem entregar a paz, a felicidade. O que define a relação do amor não é a compra e venda, o casamento. Por isso, não há amor sem liberdade. Enquanto as estruturas sociais limitam a dinâmica do amor, a liberdade o torna incontrolável. E a paz acontece ou não.

No v. 10c a *Shulamita* fala dos olhos que a vêem *como* princípio, irrompimento, expressão, espaço fundante da PAZ: os olhos do amante pastor com toda certeza, pois os olhos dos seus irmãos somente a vêem como mercadoria. Ela, que quer viver o amor em liberdade, debaixo da macieira, e quer um amante livre como gazela que salta pelos montes, é comparada ao princípio da paz. A paz se faz a partir da liberdade. O amor se faz realidade a partir da liberdade.

O preço do amor (vs. 11-12)

¹¹ *Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom.*

*Entregou-a a uns guardas,
e cada um lhe trazia pelo seu fruto
mil peças de prata.*

¹² *A vinha que me pertence está a meu dispor.*

*Tu, ó Salomão, terás os mil ciclos,
e os que guardam o fruto dela, duzentos.*

O amor não tem preço. Ele não é comprável. Nem mesmo o poder econômico de Salomão pode comprar o Amor. Nos vs. 11-12 é descrito o caso da vinha de Salomão. Salomão, o rei enfeitado de ouro e prata, pode comprar tudo, menos o Amor.

A vinha pode ser negociada, pelos seus frutos pode ser pago um preço exagerado (v. 11), mas o amor não é negociável. Salomão pode arrendar sua vinha e receber muito por ela. Ele pode ficar com a renda e os meeiros com seu salário, mas a amada pertence gratuitamente ao seu amado. Sua vinha, sua propriedade, não pode ser alienada e não tem preço.

Esta relação de compra e mercantilização do amor reflete a estrutura econômica da sociedade tributária onde a mulher passa a ser comercializada por ser mulher. No entanto, o texto é uma crítica às relações econômicas que escravizam a mulher, capitalizam o corpo. Para a Shulamita, amor e paixão não participam da circulação da propriedade. A vinha pode até fazer parte do processo expropriativo do Estado, mas a mulher defende a bandeira do Amor-gratuidade.

Os limites do amor (vs. 13-14)

¹³ *Ó tu, que habitas nos jardins,
os companheiros estão atentos para ouvir tua voz;
faze-me, pois, também ouvi-la.*

¹⁴ *Foge depressa, amado meu,
faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela
que saltam sobre os montes aromáticos.*

O Amor não tem limites. O v.13 retoma a idéia expressa em 2,14: o desejo de ouvir a voz, o chamado: *Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque tua voz é doce, e o teu rosto amável.* À palavra do amado a amada responde convidando o amado a correr como os animais do deserto (2,17; 4,6). Novamente começa o jogo do amor. O *vem* se repete (2,9.17; 4,6.8.9; 7,11). Volta a sede de ouvir, e a corrida para o amor não tem fim. Tudo recomeça. Para o amor não há final feliz. Nada é estático nem os momentos são eternos. Cada final é uma oportunidade para recomeçar.

Neste quinto poema, que podemos tê-lo como chave de leitura dos demais cânticos, temos a reflexão sobre este princípio humano que é o amor. O poema concentra a reflexão sobre a filosofia do amor em contraposição às relações estruturais da casa (irmãos) e do Estado (vinha de Salomão). Faz a crítica ao sistema econômico e ideológico a partir das relações e da corporeidade experimentadas no cotidiano, no desejo do corpo. Aí se encontra a grandeza e beleza deste livro.

A lição da construção da paz pode estar nestes poemas. Os amantes no Cântico dos Cânticos são paradigma da forma de resistência encontrada pelo povo massacrado pelo sistema Persa e pelo II Templo de Jerusalém. Há uma clara negação da:

- ética patriarcal;
- regulamentação e controle do desejo do corpo: afeto, gratuidade, relação, entrega, integralidade;
- feiura da lei reguladora;
- desapropriação dos sentidos do corpo (cheirar, lamber, ouvir, comer, beijar, abraçar...)

Para Philys Tribble, *Cânticos* é uma sinfonia de amor: *Nascidos para mutualidade e harmonia, um homem e uma mulher vivem em um jardim onde natureza e história unem-se para celebrar a uma só carne da sexualidade. Dando testemunho da bondade da criação, então, o erotismo torna-se adoração no contexto da graça. Neste cenário não há dominação masculina, nem subordinação feminina, nem estereotipação de qualquer um dos sexos.*⁹

⁹ Cf. P. TRIBLE, *Gott und Sexualität im Alten Testament*. Gerd Mohn, Gütersloher, 1993, p. 188.